



Deu uma varrida na casa: aspectos semântico-interacionais da construção de atenuação com *dar uma V-da*

Edvaldo Balduino Bispo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5607-3407>

edbbispo@gmail.com

Aline Danielly Leal da Silva

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7042-3805>

alineletrasliu@gmail.com

RESUMO

Neste artigo, investigamos a construção de atenuação com *dar uma V-da*. Objetivamos discutir aspectos semânticos e interacionais implicados nas instâncias de uso dessa construção. Fundamentamos nossa discussão na Linguística Funcional Centrada no Uso, conforme Furtado da Cunha et al. (2013). A pesquisa é de natureza quali-quantitativa e utiliza dados extraídos de textos escritos publicados em *blogs*. Os resultados mostram que os verbos base da nominalização em *-da* são do tipo semântico ação (mais frequente), ação-processo e processo. Em termos aspectuais, as eventualidades designadas pelos construtos identificados representam atividade, *accomplishment* e *achievement*. Por fim, constatamos que a atuação de processos (inter)subjetivos e de inferência pragmática concorrem para a semântica de atenuação carregada pela construção em tela.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística funcional; Atenuação; Propriedades semânticas; Processos interacionais.

Deu uma varrida na casa: semantic and interactional aspects of the attenuation construction with *dar uma V-da*

ABSTRACT

In this paper, we investigate the attenuation construction with *dar uma V-da* (give a/an deverbal noun). Our aim is to discuss semantic and interactional aspects involved in instances of this construction. Our theoretical support is the Usage-based Functional Linguistics (FURTADO DA CUNHA et al., 2013) and this research is quali-quantitative. Our data is composed by written texts published on *blogs*. We found that the base verbs of the nominalization in *-da* are action (most frequent), action-process and process. In aspectual terms, the events designated by the constructs convey activity, accomplishment and achievement. Finally, we found that the (inter)subjective and pragmatic inference processes contribute to the attenuation meaning the construction conveys.

KEYWORDS: Functional linguistics; Attenuation; Semantic properties; Interactional processes.



1. Palavras iniciais

O verbo *dar*, elemento altamente polissêmico, participa da configuração de variadas estruturas sintáticas do português, a exemplo da oração ditransitiva básica (*Não bastasse o Corrector amor de mi vida, ela ainda me deu essa sombra muy linda da MAC.* – LACERDA, 2019), que codifica uma cena de transferência; de padrões verbais complexos, em que funciona como um verbo leve (*dar apoio, dar sugestão, dar uma olhada*); e de agrupamentos semântico-sintáticos mais fixos, como *dar calote, dar bandeira, dar com a cara na porta* etc.

Neste artigo, ocupamo-nos de casos em que esse verbo forma um complexo com uma nominalização deverbal em *-da*, como em *dar uma caminhada, dar uma fugida* ou em *dar uma varrida*, conforme ilustrado em (1).

- (1) Hoje a Fernanda completa 15 dias de vida e começa hoje a nossa rotina de verdade. De verdade porque o Claudio voltou ao trabalho hoje, depois de suas “mini” férias de 15 dias. Minha mãe está aqui me ajudando, já colocou roupa pra lavar, *deu uma varrida na casa* e levou a Clara na escola. Obrigada mãe! (SILVA, 2020)

Nesse dado, temos um agrupamento formado por *dar* mais o sintagma nominal (SN) *uma varrida* e o sintagma preposicional (SP) *na casa*, constituindo um todo de forma e significado, ou seja, uma construção (GOLDBERG, 2003; 2006). Esse agrupamento pode ser formalmente representado por [(SN) DAR UMA V-DA (SP)], conforme Scher (2004), Davel (2019), Travassos (2019) e Silva (2020), em que o SN sujeito pode ser elidido e o SP constitui elemento opcional. Em situações como essa, temos um predicado complexo: *dar* funciona como verbo leve, em função de seu ‘desbotamento’ semântico (não apresenta o sentido referencial de ‘transferência de posse’); o SN com núcleo deverbal em *-da* não funciona como complemento; o bloco *dar uma V-da* constitui um predicador complexo (seleciona o sujeito *minha mãe = Ø* e o SP *na casa*).

Ocorrências com *dar uma V-da* podem apresentar significado aspectual de delimitação da eventualidade designada¹, cujos pontos de início e fim são definidos. Podem também indicar o sentido de parcialidade dessa eventualidade, com o valor semântico de “redução/encurtamento”, seja porque ela foi realizada com uma menor duração, seja porque, apesar de acabada, não atingiu sua totalização. No caso da ocorrência em (1), *deu uma varrida na casa* não implica, necessariamente, a totalidade da ação (casa varrida completamente), haja vista a possibilidade de que apenas parte da casa tenha sido afetada.

Vários estudos têm associado ao predicador *dar uma V-da* as noções de brevidade (diminutivização), de superficialidade ou de singularização do que está sendo predicado, bem como a atenuação de pedidos, como é o caso de Basílio (2001), Scher (2004), Gonçalves (2005), Davel (2019) e Travassos (2019). Neste artigo, defendemos que a construção com *dar uma V-da* carrega a conotação de atenuação, cujos efeitos semânticos variam conforme as propriedades aspectuais do predicado complexo e, em alguma medida, conforme a atuação de processos sociointeracionais, a exemplo da subjetividade, da intersubjetividade e da inferência pragmática.

¹ Empregamos o termo geral *eventualidade* para nos referirmos a ações, acontecimentos, situações, estados de coisas.

Assim sendo, objetivamos analisar aspectos semântico-interacionais implicados nas instâncias de uso da construção com *dar uma V-da*. Em termos específicos, pretendemos: i) identificar tipos semânticos de verbos recrutados para o *slot V* da nominalização; ii) verificar fatores semânticos relacionados ao aspecto da predicação complexa; iii) discutir a atuação de processos (inter)subjativos e da inferência pragmática para a função mais geral de atenuação da construção aqui focalizada.

Nossa discussão fundamenta-se na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), conforme caracterizamos na próxima seção. Os dados empíricos analisados advêm de textos escritos de *blogs* da internet.

O artigo se divide em cinco seções, além desta introdução. Na segunda delas, apresentamos o lastro teórico que fundamenta a pesquisa. Na terceira, explicitamos as bases metodológicas. Em seguida, discutimos os aspectos semânticos de ocorrências com *dar uma V-da*. Na quinta seção, tratamos dos processos interacionais implicados no efeito de atenuação carreado pela construção. Na sequência, vêm as palavras finais.

2. Linguística funcional centrada no uso

A perspectiva teórica que fundamenta as discussões aqui empreendidas conjuga pressupostos e categorias analíticas da Linguística Funcional norte-americana (GIVÓN, 1995) a postulados e conceitos operacionais da Gramática de Construções (GOLDBERG, 2003, 2006; CROFT, 2001). Trata-se da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), conforme caracterizam Furtado da Cunha et al. (2013) e Bispo e Lopes (2022).

Nessa vertente, defende-se uma estreita relação entre a estrutura linguística e os usos que dela são feitos em práticas interacionais situadas, de sorte que a configuração morfossintática dos enunciados é contingenciada por fatores cognitivos, comunicativos e culturais (MARTELOTTA, 2011; FURTADO DA CUNHA e BISPO, 2013; BISPO, 2014). Nesse contexto teórico, a linguagem é entendida como um conjunto amplo e complexo de atividades comunicativas, cognitivas e sociais intimamente vinculado a outros aspectos da psicologia humana (TOMASELLO, 1998). A língua, como parte dessa engrenagem, é vista como um sistema maleável e complexo (DU BOIS, 1985; BYBEE, 2010), dada a sua adaptabilidade às pressões do uso e à atuação de processos cognitivos gerais (BYBEE, 2010); compõe-se de um conjunto multifacetado de formas e funções. Deriva dessa abordagem funcionalista uma concepção de gramática como conjunto de padrões linguísticos regulares aberto e intensamente afetado pelo uso (MARTELOTTA, 2011).

A estreita relação entre conteúdo e expressão é capturada, no escopo da Gramática de Construções, sob o rótulo de *construção*, entendida como o pareamento simbólico entre forma e significado² (GOLDBERG, 1995, 2003; CROFT, 2001; LANGACKER, 2008). Conforme alguns construcionistas, a construção compreende desde um morfema simples até um texto multipro-

² Significado corresponde, em conformidade com o modelo funcionalista aqui adotado, à noção de função, a qual compreende propriedades semânticas, discursivas e pragmáticas (CROFT, 2001; FURTADO DA CUNHA et al., 2016).

posicional (GOLDBERG, 2003; ÖSTMAN e FRIED, 2005). Assim, por exemplo, no período *O formato do corpo de animais está mudando para lidar com mudanças climáticas, diz estudo* (FIORATI, 2021), temos instâncias de construções diversas: a desinência *-s* (em *mudanças* e em *climáticas*), marca de número plural; o artigo definido *o*, determinante de *formato*; o SP *com mudanças climáticas*, que atua como complemento de *lidar*; a oração hipotática *para lidar com mudanças climáticas*, que veicula circunstância de finalidade em relação à oração anterior; e todo o período complexo *O formato do corpo de animais está mudando para lidar com mudanças climáticas, diz estudo*.

De acordo com Croft (2001), a construção envolve dois polos (forma e sentido), relacionados por elo de correspondência simbólica. O polo da forma compreende propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas; o do sentido (função) abarca propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Para o autor, o polo funcional inclui todos os aspectos interacionais que circunstanciam o uso linguístico. Assim sendo, conforme indicado na seção introdutória, as ocorrências com *dar uma V-da* são aqui entendidas como instâncias de um pareamento simbólico forma-função, ou seja, de uma construção.

Para a classificação semântica dos verbos base da nominalização em *-da*, consideramos a proposta de Borba (1996, 2002), inspirada em Chafe (1979), com a seguinte tipologia:

- i) Verbos de ação – indicam um fazer por parte do sujeito, isto é, uma ação. Ex.: Os atletas *treinam* diariamente.
- ii) Verbos de processo – exprimem um acontecer (algo pelo qual o sujeito passa) ou um experimentar (algo que ele experimenta). Ex.: As folhas *caem* no outono.
- iii) Verbos de ação-processo – expressam uma ação que atinge um complemento, provocando uma mudança, ou promove a existência de algo. Ex.: Na ocasião, os manifestantes *rasgaram* os documentos.
- iv) Verbos de estado – expressam uma propriedade (estado, condição, situação) localizada no sujeito. Ex.: Esse asfalto *contém* muitas rachaduras.

No que diz respeito ao aspecto verbal, tomamos por base Vendler (1967), que apresenta quatro categorias de predicados: estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*³. Essas categorias são geralmente definidas por meio de três propriedades semânticas binárias: (i) estaticidade vs dinamicidade, (ii) duratividade vs pontualidade, e (iii) telicidade vs atelicidade.

O primeiro par binário (i) se refere à possibilidade de um predicado descrever uma situação que não se altera em um período de tempo (não dinâmico/estático) ou uma sucessão de estados/estágios de uma situação que transcorre no tempo (dinâmico). O segundo par (ii) diz respeito à possibilidade de um predicado apresentar uma situação que se prolonga por um determinado período no tempo (durativo) ou uma que não se prolonga no tempo (não durativo/pontual).

³ Os termos *accomplishment* e *achievement* são mantidos em inglês neste artigo, seguindo uma apresentação tradicional desses termos. Equivalem, grosso modo, a *processo culminado* (realização que envolve um determinado período de tempo) e *culminação* (realização pontual).

O último par binário (iii) é relativo à possibilidade de um predicado apresentar um ponto final intrínseco (téllico) ou não (atélico).

Com base nessas propriedades, os verbos da classe de estado são não dinâmicos, durativos e atélicos (*saber desenhar, ser brasileiro*); os de atividade, por sua vez, são dinâmicos, durativos e atélicos (*caminhar, nadar*); os *accomplishments* são dinâmicos, durativos e téllicos (*construir uma casa, ler um livro, comer duas maçãs etc.*); os *achievements* caracterizam-se pela dinamicidade, pontualidade e telicidade (*chegar, ganhar o jogo, perder a caneta etc.*).

Acrescentamos à proposta de Vendler (1967) uma visão composicional do aspecto (VERKUYL, 1972), segundo a qual a categorização aspectual não se refere ao predicado em si, mas a um conjunto de diferentes contextos em que ele ocorre. Nessa direção, Verkuyl (1972) apresenta duas condições, pelo menos, para a classificação de um predicado. A primeira diz respeito à compreensão do predicado como um esquema argumental (verbo e seus argumentos): *correr* é uma atividade, enquanto *corre uma milha* é um *accomplishment*, cujo ponto final é indicado por *uma milha*. A segunda condição está relacionada à natureza do sintagma que ocupa a posição de complemento (se singular ou plural; determinado ou indeterminado), distinguindo o caráter téllico vs atélico: *ganhar o jogo* (sing., det.) vs *ganhar jogos* (pl., indet.).

Conforme destaca Croft (2012), uma das consequências da consideração do contexto na classificação aspectual é o pressuposto de que um verbo não pertence de forma inerente a um único tipo de aspecto. Ao contrário, ele tem o potencial para ser conceptualizado em vários tipos aspectuais.

Quanto aos fatores sociointeracionais considerados, a subjetividade diz respeito ao papel do falante/escrevente na interação, por meio da expressão de sua atitude, de seu ponto de vista em relação a si mesmo, ao outro ou ao próprio dizer (TRAUGOTT e DASHER, 2002; BISPO e SANTOS, 2019). Já a intersubjetividade, relaciona-se à consideração do “outro” na interação como elemento participante da cena comunicativa. Envolve estratégias de negociação de sentido, de preservação da face, de monitoramento de ações e reações, de aproximação/distanciamento entre os parceiros no processo de interação verbal (SCHIFFRIN, 1990; TRAUGOTT e DASHER, 2002). O uso da expressão *Vai ver se estou lá na esquina* exemplifica esses processos interacionais: ao se dirigir dessa forma ao interlocutor, o falante pode manifestar, subjetivamente, seu aborrecimento para com ele, ao mesmo tempo que demonstra/provoca-lhe uma (re)ação de distanciamento (rompimento da interação) – aspecto intersubjetivo – em decorrência de algum desagrado que sente em relação ao parceiro de interação (SILVA e ANDRADE, 2020).

A inferência pragmática, por sua vez, consiste no processo interacional em que o falante, ao utilizar uma dada expressão linguística diferente do convencional, conta com a colaboração do ouvinte, para que este apreenda (ou infira) o significado pretendido. Desse modo, refere-se à negociação de sentidos entre falante e ouvinte no curso da interação verbal (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2021 [2013]). Tomemos também como ilustração dessa categoria a expressão *Vai ver se estou lá na esquina*, cujo significado, em uma interlocução comum, geralmente não é literal (um comando para que o ouvinte se destine a certo lugar – na esquina – com o objetivo de conferir se o falante ali se encontra), mas, sim, que alguém deixe de importunar outra pessoa. A apreensão do significado adequado/preendido é possível, visto que expressões como essa são

utilizadas em contextos de interação nos quais há algum tipo de desacordo, incômodo entre falante e ouvinte. Nesse caso, o sentido é, pois, “negociado”⁴.

3. Bases metodológicas

Valemo-nos aqui tanto do raciocínio indutivo quanto do dedutivo, o que caracteriza, conforme Givón (1995), o método abduutivo de análise. A natureza indutiva reside na consideração de instâncias particulares do fenômeno sob investigação para, a partir delas, chegar a determinadas generalizações. O viés dedutivo decorre da ancoragem em uma base teórica consolidada, com postulados e premissas consistentes e fortemente referendadas na empiria.

Em termos da abordagem do fenômeno, a pesquisa é quali-quantitativa; quanto aos objetivos, caracteriza-se como descritivo-explicativa (SILVA, 2004; MARCONI e LAKATOS, 2010). A dimensão qualitativa desta pesquisa diz respeito à explicitação de propriedades semânticas dos verbos base da nominalização em *-da* e à discussão de processos interacionais associados às instâncias de uso da construção com *dar uma V-da*. A natureza descritivo-quantitativa está relacionada à caracterização do objeto de estudo em termos de mensuração das ocorrências e de sua distribuição quanto à tipologia semântica dos verbos base da nominalização, com vistas a aferir se ocorrem todos os tipos e qual o mais frequente.

O banco de dados tomado por amostra é composto por dois agrupamentos de textos publicados em *blogs*, cada um dos quais com extensão de 300 mil palavras. O primeiro deles, extraído de Cunha Lacerda (2019)⁵, contém apenas *posts* de blogueiros; o segundo, organizado por Silva (2020), constitui-se de *posts* dos blogueiros e comentários dos leitores. Os textos tratam de uma gama variada de temáticas, como relacionamento, viagem, moda e beleza (masculina e feminina), cinema, culinária, dietas, intercâmbios, entre outros.

A opção por esse material se deveu a dois fatores: i) o levantamento preliminar de Silva (2020) revelou que os contextos de mais informalidade/menor monitoramento no uso da língua favorecem instâncias da construção em estudo, o que também foi constatado por Davel (2019), que trabalhou igualmente com textos de *blogs*; ii) a variabilidade de temas das postagens e comentários dos *blogs* permite flagrar usos da língua relacionados a diferentes propósitos comunicativos, para os quais concorrem as instâncias com *dar uma V-da*.

Para a identificação e contabilização das ocorrências, levamos em conta as ocorrências nas quais a nominalização ocorre no singular, é acompanhada do determinante *uma* ou, mais raramente, *aquela* – sozinho ou acrescido de outro(s) elemento(s), a exemplo de modificadores, quantificadores etc. –, mas sem acréscimo de afixo. Assim, foram descartados casos de SN nu (sem o determinante referido), como em *dar risada*, ou com sufixo (*dar uma risadinha*, *dar uma olhadinha/olhadela*).

⁴ A depender da circunstância em que a interlocução se dá, expressões desse tipo podem não ser interpretadas simplesmente como tendo valor fático. De todo modo, também se estabelece, igualmente, um acordo de cooperação entre falante e ouvinte para a construção de sentido.

⁵ Foram considerados os textos relativos ao *Corpus Blogs* 2011.

Foram identificadas, nos dois conjuntos de dados, 253 ocorrências com *dar uma V-da*. Consideramos a quantificação de dados, neste trabalho, para fins de aferição da frequência dos tipos semânticos das bases verbais recrutadas pela construção. A análise dos demais fatores (papéis semânticos dos argumentos selecionados pelo predicador complexo, valores aspectuais, efeitos de sentido, inter/subjetividade e inferência pragmática) é exclusivamente qualitativa.

4. Aspectos semânticos de ocorrências com *dar uma V-da*

Contemplamos aqui a classificação semântica dos verbos base da nominalização em *-da*, os papéis semânticos dos argumentos do predicador complexo, propriedades aspectuais e efeitos de sentido associados às instâncias da construção com *dar uma V-da*. Para o primeiro fator, associamos a caracterização desses verbos em estado de dicionário (BORBA, 2002) ao comportamento das nominalizações nos construtos em que figuram. Assim, por exemplo, *clarear*, de que deriva *clareada*, participa de uma eventualidade tomada como ação-processo em (2), mas como processo em (3).

- (2) *O produto dá uma clareada na pele* de maneira geral e ajuda a deixar a pele mais luminosa, mas no quesito clareamento de manchas o processo é muito lento, então é preciso usar por muito tempo para se conseguir um resultado satisfatório. (SILVA, 2020)
- (3) Gente naum aguento mais usar produtos pra diminuir minhas acnes. Fiz dois peeling, mas naum fiquei tão satisfeita com os resultados, *a pele deu uma clareada*, porém as acnes naum param de sair. (SILVA, 2020)

Em (2), o verbo base recrutado pelo predicado complexo *dar uma V-da* designa uma ação que afeta o referente do complemento (*a pele*): o sujeito causativo-instrumento (*o produto*) provoca uma mudança na condição da entidade codificada pelo complemento. Na situação em (3), a eventualidade designada por *dar uma V-da* é apresentada como um processo: o referente do sujeito sofre o clareamento.

Em nossos dados, constatamos que o *slot V* foi preenchido por três tipos semânticos de verbo: ação, ação-processo e processo. De (4) a (6) ilustramos cada tipo.

- (4) Eu tenho passado os meus dias lendo, indo na academia, uma vez lá que outra saindo pra *dar uma caminhada* (por que é praticamente impossível, é muito quente lá fora. Quando digo impossível, eu digo IMPOSSÍVEL, não é exagero rs, é cerca de 52°C!!) (LACERDA, 2019)
- (5) E acho que é isso aí gente, vou ver se *dou uma atualizada mais no vlog* que sei que andou abandonado (de novo, que vergonha haha). (SILVA, 2020)
- (6) Nos primeiros dias *a pele dá uma leve descamada*, mas bem leve mesmo, mas depois passa e fica tudo normal. (SILVA, 2020)



Em termos quantitativos, predominaram, em nossa amostra, os verbos base de ação, com 166 *tokens* (66%); seguidos pelos de ação-processo, com 61 ocorrências (24%); e, por último, pelos de processo, que respondem por 26 dados (10%). Não ocorreu o tipo semântico de estado.

À tipologia semântica do verbo base da nominalização estão associados argumentos demandados pelo predicador *dar uma V-da* e os papéis semânticos a eles atribuídos. Nas instâncias com o predicador de ação, o sujeito (explícito ou não) é agentivo; o complemento verbal, quando ocorre, é codificado por SP e pode assumir papéis semânticos distintos, a exemplo de locativo (7), alvo (8) e tema (9).

- (7) Nós estávamos na cidade na Black Friday. Não era o meu objetivo fazer compras, mas, naquele dia *eu dei uma passada nas lojas* e havia muitas, mas muitas promoções. No entanto, havia muita gente. (SILVA, 2020)
- (8) Esse post foi escrito por Gustavo Camargo: marketeiro, fã de viagens; odeia aviões mais do que o último filme do Quarteto Fantástico. Fã de NY, sempre que pode *dá uma fugida para a Grande Maçã*. (SILVA, 2020)
- (9) Minha amiga disse que é adepta. “Basicamente, *dei uma ignorada no cara*. Estava de bode”, ela disse e, antes que eu contestasse: “sim, fui babaca, mas às vezes isso acontece”. (SILVA, 2020)

Nas orações em que o predicador *dar uma V-da* é de ação-processo, ocorrem sujeito e complemento. Nesse caso, o complemento verbal pode ser codificado de duas formas: SP, como em (7-10); ou SN_{PRON}, conforme (11). O sujeito pode ser agente, a exemplo de *eu = Ø*, em (5); causa ou instrumento, como *o produto*, em (2), e *seu intenso amargor*, em (10). O SP e o SN_{PRON} complementos codificam o elemento que sofre mudança de estado e, por isso, podem apresentar o papel semântico de alvo (*na pele*, em (2); *no vlog*, em (5)) e de paciente (*nos*, em (11)).

- (10) Para finalizar, Assis serviu um cappuccino gelado feito com espresso, gelo, leite condensado e finalizado com chantilly; não tem como não gostar, e também mostrou que esse tipo de café vai bem com essas misturas, pois *seu intenso amargor dá uma equilibrada no excesso de açúcar*. (SILVA, 2020)
- (11) Como oscilamos emocionalmente ao longo do dia, os momentos de baixa fazem que compreemos mais como forma de aumentar a autoestima e *nos dar uma “animada”*. (SILVA, 2020)

Com relação às instâncias em que a nominalização deriva de um verbo de processo, não se evidencia argumento causativo. No caso de esse processo designar mudança de estado (física ou psicológica), o referente do sujeito pode ser paciente (*a pele*, em (3)) ou experienciador (*eu = Ø*, em (12)); quando esse processo é impessoal⁶, designando fenômeno atmosférico, o predicador não requer argumento externo (13).

⁶ A impessoalidade aqui se refere aos processos que não podem ser atribuídos a um ser, conforme se dá com os verbos que designam fenômenos atmosféricos (chover, trovejar, relampejar etc.).

- (12) Confesso que (\emptyset = eu) *dei uma desanimada*, diante dos últimos filmes de Shyamalan, mas mesmo assim, resolvi dar uma chance e ME SURPREENDI. Shyamalan está de volta! (SILVA, 2020)
- (13) “A situação lá é delicada, porque nosso verão tem sido bem intenso, muito seco, agora *deu uma chovida* e uma amenizada, mas, o maior problema é a questão da falta da água. Esse verão secou poços que antes não secavam. A situação mais delicada é a água e a fúlgem”, concluiu. (SILVA, 2020)

Em termos de propriedades aspectuais, discutimos a interpretação das eventualidades predicadas nas ocorrências com *dar uma V-da*, considerando características aspecto-temporais do predicador na oração e as pistas linguísticas que ancoram, no contexto, a interpretação de atenuação. Assim, encontramos, em nossa amostra, eventualidades que representam atividades (14), *accomplishments* (15) e *achievements* (16).

- (14) Eu tenho passado os meus dias lendo, indo na academia, uma vez lá que outra saindo pra *dar uma caminhada* (por que é praticamente impossível, é muito quente lá fora. Quando digo impossível, eu digo IMPOSSÍVEL, não é exagero rs, é cerca de 52°C!!) (LACERDA, 2019)
- (15) Bia Souza - Amei o post e as fotos, Mel! *Dei uma olhada na playlist* e fiquei pensando se a sua tattoo tem a ver com o título da música dos Beatles ou da Fiona, que é a mesma frase que você tem tatuada.... Ou é só coincidência??? (SILVA, 2020)
- (16) Bom, *dei uma sumida* por uma semana, eu sei, eu disse que ia tentar postar todos os dias mas semana passada foi extremamente corrida e eu nao pude, acho que isso nao da o direito a ninguem de ir me xingar no formspring ok, (...) (LACERDA, 2019)

Em (14), *dar uma caminhada* designa uma eventualidade durativa e atélica, isto é, que não possui um *télos* (um ponto final intrínseco). Já em (15), apesar de a semântica de *olhar*, de que deriva *olhada*, ser durativa e não implicar um ponto final, a presença de um complemento no singular (*na playlist*) funciona como um *télos*, o que possibilita a interpretação da eventualidade codificada por *dar uma olhada* como um *accomplishment*. Por fim, em (16), a eventualidade designada por *dar uma sumida* é um *achievement*, uma vez que focaliza a culminância da mudança de estado sofrida pelo sujeito (\emptyset = eu): envolve o ponto de passagem entre as situações de estar presente e de não estar presente.

A construção com *dar uma V-da* atenua a eventualidade predicada. Possibilita a interpretação de que a eventualidade é realizada de forma breve (*dar uma caminhada*), de modo parcial (*dar uma olhada na playlist*, em que se pode entender que apenas parte dela foi vista) ou que tem seu efeito resultante amenizado (*dar uma sumida*).

A atenuação da eventualidade indicada pela nominalização em *-da* carregada pela construção com *dar uma V-da* pode funcionar como uma estratégia discursiva e, portanto, possibilitar a negociação de sentidos e a proteção de face dos interlocutores (FRASER, 1980; BRIZ, 2013). Sob essa perspectiva, *deu uma varrida na casa*, em (1), pode indicar menor comprometimento

de seu agente na realização da ação, o que possibilita a interpretação de que a eventualidade foi feita de “modo superficial” ou pelo menos “com menos cuidado e atenção”.

5. Aspectos interacionais em instâncias com *dar uma V-da*

Nas instâncias da construção com *dar uma V-da*, coatuam fatores pragmático-discursivos, a exemplo da (inter)subjetividade e da inferência pragmática (TRAUGOTT e DASHER, 2002; TRAUGOTT, 2010; 2012). Tais fatores concorrem para a função de atenuação de eventualidades dinâmicas associada a essa construção e, por extensão, do próprio ato enunciativo.

O sentido básico de atenuação, no processo de marcação aspectual em ocorrências com *dar uma V-da*, evidencia subjetividade. Conforme Travaglia (2016 [1985]), a significação de aspecto do enunciado não se faz de modo meramente objetivo: a apresentação da eventualidade ocorre sob o ponto de vista do falante e não corresponde, necessariamente, a como ela é na “realidade”. Consideremos (17) e (18).

- (17) Bia Souza - Amei o post e as fotos, Mel! *Dei uma olhada na playlist* e fiquei pensando se a sua tattoo tem a ver com o título da música dos Beatles ou da Fiona, que é a mesma frase que você tem tatuada.... Ou é só coincidência??? (SILVA, 2020)
- (18) Então, daí que vi uns exercícios muito bons para *dar uma acabada na flacidez do braço* ok!? (SILVA, 2020)

Na ocorrência em (17), *dei uma olhada na playlist*, a eventualidade pode ser interpretada como “breve”, “superficial” e/ou “realizada sem cuidado”. Além disso, o falante/escrevente não se compromete com a totalidade da eventualidade: assim, é possível que o sujeito tenha olhado apenas parte da *playlist*. Já em *dar uma acabada na flacidez do braço*, em (18), a atenuação parece incidir, especialmente, sobre o resultado da eventualidade, que passa a ser interpretado como graduado (correspondendo a “um pouco”), isto é, a flacidez do braço pode ser “reduzida” ou “amenizada”. Nesse contexto, o interlocutor é convidado a interpretar *que dar uma acabada* não significa “chegar ao fim” ou “terminar”, mas “amenizar” ou “reduzir”.

As instâncias da construção com *dar uma V-da* também exibem usos particulares dos elementos recrutados para o *slot V*. Em (19), por exemplo, o verbo *colapsar*, base da nominalização em *-da*, designa uma mudança de estado pontual (*achievement*), que contrapõe duas situações: não colapsado vs colapsado. Quando ocorre na construção de predicado complexo em estudo, porém, apresenta o estado resultante graduado: *o cérebro dá uma colapsada* significa, aproximadamente, que o cérebro colapsou “um pouco”. Dessa forma, a eventualidade é apresentada sob perspectiva escalar, em que a saturação dessa escala indicaria sua totalização. O significado de gradação não decorre da nominalização *colapsada* isoladamente: eventualidades téticas, quando designadas por nominalizações em *-da*, indicam um “ato singular” e, portanto, implicam acabamento e totalidade (saturação). Situação semelhante se dá em (20), com o uso de *morrida*. Ao figurar na construção com *dar uma V-da*, o estado resultante da mudança é atenuado e passa a

ser interpretado como temporário e/ou impermanente: o sentido não é o de que alguém passa da condição de vivo para morto literalmente. Dá-se um desvio da acepção básica do verbo, resultante de uma negociação de sentidos entre os interlocutores.

- (19) Em linhas gerais, *o cérebro dá uma colapsada* de tanta emoção positiva e acaba produzindo emoções negativas para balancear os sentimentos. Depois, os Ocientistas entenderam que o mesmo efeito também explica o riso nervoso e o choro de alegria. (SILVA, 2020)
- (20) De vez em quando *preciso dar “uma morrida”*. É algo imperioso. Simplesmente acontece. Orgânico, natural e imprescindível. Paro tudo e morro um pouco. Alguns dias ou semanas. (SILVA, 2020)

As aspas em “uma morrida” indiciam o uso particular/contextual do termo, não dicionarizado⁷, com sentido aproximado ao de “passar um tempo ausente” (como se estivesse morto). O contexto contribui para confirmar não só a interpretação de temporalidade do estado resultante, marcada nos trechos “morro um pouco” e “alguns dias ou semanas”, mas o próprio sentido particular para “morrer”. Nesse caso, o falante lança uma implicatura para o interlocutor, a qual envolve uma acepção diferente para a ideia de *morrer*, convidando-o a fazer a inferência: não se espera o entendimento de que o falante/escrevente, de fato, morre por um tempo, mas passa um tempo ausente do contato com outros. A apreensão desse sentido é possibilitada pelas pistas linguísticas que ancoram a inferência que o interlocutor é convidado a fazer. Entendemos que, no processo de negociação de sentidos envolvidos no uso do predicado complexo *dar uma V-da*, também entra em jogo o conhecimento dos interlocutores sobre a própria construção e, portanto, sobre sua função de atenuação. Assim, experiências anteriores com instâncias dessa construção (*dar uma olhada*, *dar uma caminhada*, *dar uma fugida* etc.) permitem ao interlocutor associar o uso de *morrida* nesse contexto a tais experiências e, daí, apreender o sentido de *dar uma morrida*.

Além da função de atenuação aspectual da construção aqui discutida, envolvendo as noções de “brevidade/rapidez”, “superficialidade” e “gradação”, outras nuances semânticas podem ser associadas a ocorrências com *dar uma V-da*, a exemplo de “descontração”, “descuido”, “descompromisso”. Em casos mais raros, nos quais o predicador complexo apresenta variação morfosintática (com a presença ou não de modificadores, por exemplo), as nuances semânticas são, muitas vezes, ancoradas por esses elementos⁸.

Segundo Silva (2020), o uso de modificadores pode implicar o acréscimo das noções de intensificação e de avaliação ao predicado complexo com *dar uma V-da*. Em (21), o modificador *rápida* reforça o sentido aspectual de atenuação da eventualidade *dei uma olhada*, a qual pode ser interpretada como tendo sido realizada de modo “descuidado”, “descontraído” e, portanto, “descompromissado”. Observemos que se trata de uma situação fortuita e não planejada: “Para

⁷ É relevante salientar que, além de a nominalização *morrida* não ser dicionarizada, o verbo *morrer*, de que ela deriva, possui apenas participio irregular (*morto*). Dessa forma, trata-se de um uso cuja significação possui maior dependência do contexto.

⁸ À semelhança do que foi verificado em outras pesquisas (SCHER, 2004; DAVEL, 2019; TRAVASSOS, 2019), ocorrências dessa construção com outros determinantes e com modificadores são incomuns.

minha grata surpresa já vi no Steam de primeira que tinha promoção especial em diversos títulos”. Já em (22), a intensificação do predicador complexo por *boa* acrescenta a ideia de “cuidado” à eventualidade predicada.

- (21) Para minha grata surpresa já vi no Steam de primeira que tinha promoção especial em diversos títulos, quase todo o site pra falar a verdade. *Dei uma olhada rápida* e vi um jogo chamado Braid que tinha me chamado a atenção, e estava com um ótimo preço. (LACERDA, 2019)
- (22) Apenasumbrauca - Tem muitas cervejas comerciais que *poderiam dar uma boa melhora...* (SILVA, 2020)

Nos casos de atenuação e de intensificação por meio do uso de modificadores, como os apresentados anteriormente, subjazem a tais procedimentos processos (inter)subjetivos. O falante/escritor expressa seu ponto de vista sobre as eventualidades predicadas (colocando--se no discurso) e direciona o olhar de seu interlocutor para elas, de modo que este perceba a intencionalidade envolvida: o descuido com que dada ação foi realizada (21) ou a necessidade de melhoria na qualidade de determinadas cervejas artesanais (22).

6. Palavras finais

Assentados em pressupostos da LFCU, analisamos aspectos semânticos e interacionais relacionados a instâncias da construção com *dar uma V-da*. Verificamos que os verbos recrutados para o *slot V* são do tipo ação, ação-processo e processo. Constatamos que as propriedades aspectuais das eventualidades designadas por essa construção decorrem (i) da associação entre a natureza semântica do verbo base da nominalização e a semântica da própria construção e (ii) da relação do predicado complexo com o SN sujeito e com o SP complemento. Foram identificadas, assim, atividades, *accomplishments* e *achievements*. Por fim, discutimos como processos (inter)subjetivos e de negociação de sentidos via inferência pragmática atuam em instâncias de *dar uma V-da*.

A semântica de atenuação da construção [(SN) DAR UMA V-DA (SP)], seja em termos aspectuais ou em termos modais, resulta, pois, da interação entre propriedades de suas partes componentes e da construção como um todo, e da atuação de processos interacionais. Reiteramos, desse modo, o postulado funcionalista de que os usos linguísticos são circunstanciados por fatores cognitivos e comunicativos.

FINANCIAMENTO

Apoio financeiro concedido pela Pró-Reitoria de Pós-graduação em parceria com a Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Edital 01/2017-PPG/PROPESQ-UFRN) para realização de estágio sanduíche de Aline Danielly Leal da Silva no exterior.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Edvaldo Balduino Bispo: responsável pela análise conjunta dos dados empíricos, pela escrita da introdução, das seções teórica e metodológica, da seção relativa aos aspectos interacionais, pelas considerações finais, pela revisão geral do texto e pela edição final conjunta do artigo.

Aline Danielly Leal da Silva: responsável pelo levantamento e organização dos dados empíricos utilizados no artigo, pela análise conjunta desses dados, pela escrita da seção atinente aos fatores semânticos, pela conferência das referências bibliográficas e pela edição final conjunta do artigo.

CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.

REFERÊNCIAS

BASÍLIO, Margarida. Expressões dar uma x-da: uma verificada informal. *In*: NEVES, Maria Helena de Moura Neves (org.). **Descrição do Português: definindo rumos da pesquisa**. Araraquara: Cultura Acadêmica Editora, 2001, 157-164.

BISPO, Edvaldo Balduino. Orações relativas em perspectiva histórica: interface uso e cognição. **Veredas**, v. 18, n. 1, p. 222-235, 2014.

BISPO, Edvaldo Balduino; SANTOS, Líneker Trajano. Fatores semânticos, sociointeracionais e cognitivos da construção modalizadora com ‘ficar de + infinitivo’. **Revista Odisseia**, v. 4, n. especial, p. 111-131, 2019.

BISPO, Edvaldo Balduino; LOPES, Monclar Guimarães. Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação. **Revista Odisseia**, v. 7, n. especial, p. i-x, 2022.

BORBA, Francisco S. **Uma gramática de valências do português**. São Paulo: Ática, 1996.

BORBA, Francisco S. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

BRIZ, Antonio; SILVA, Luiz Antônio da; ANDRADE, Adriana Marcelle de; BLANCO, Ramiro Carlos Humberto Caggiano. A atenuação e os atenuadores: estratégias e táticas. **Linha D'Água**, v. 26, n. 2, p. 281-314, 2013.

BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CHAFE, Wallace. **Significado e estrutura linguística**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

CROFT, William. **Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: OUP, 2001.

CROFT, William. **Verbs: Aspect and causal structure**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

DAVEL, Alzira da P. Costa. **As construções denominal e deverbal [DAR UMA X-(A)DA (SPREP)] numa perspectiva dos modelos baseados no uso**. Tese. (Doutorado em Linguística). UFRJ, Rio de Janeiro, 2019.

DU BOIS, John W. **Iconicity in syntax**. Amsterdam: John Benjamins, 1985, p. 343-365.



FRASER, Bruce. Conversational Mitigation. *Journal of Pragmatics* 4: 341-350, 1980.

FIORATTI, Carolina. O formato do corpo de animais está mudando para lidar com mudanças climáticas, diz estudo. *Superinteressante*, 9 set. 2021. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/o-formato-do-corpo-de-animais-esta-mudando-para-lidar-com-mudancas-climaticas-diz-estudo/>. Acesso em: 11 set. 2021.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso. *Revista GELNE*, vol. 15, n. 1/2, p. 53-78, 2013.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (orgs.). *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad, 2013. p. 13-39.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SILVA, José Romerito; BISPO, Edvaldo Balduino. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. *Revista Linguística*, v. 12, n. especial, p. 55-67, 2016.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GOLDBERG, Adele. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. Constructions: a new theoretical approach to language. *Trends in Cognitive Sciences*, v. 7, n. 5, p. 219-224, 2003.

GOLDBERG, Adele. *Constructions at work*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, Maria Angélica. *A construção de duração com dar no português do Brasil – uma abordagem sociocognitiva*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Juiz de Fora, MG: UFRJ, 2005.

LACERDA, Patrícia Fabiane A. da Cunha. *Corpus Modalidade Escrita*. Núcleo de Pesquisa em Abordagem Construcional e Tradução (NUPACT), 2019. Disponível em: <https://www.ufjf.br/nupact/corpora/corpora-compilados/>. Acesso em: 20 abr. 2020.

LANGACKER, Ronald W. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do trabalho científico*. 7 ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem centrada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

ÖSTMAN, Jan-Ola; FRIED, Mirjam. *Construction grammars: cognitive grounding and theoretical extensions*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005.

SCHER, Ana Paula. *As construções com o verbo leve dar e nominalizações em -ada no português do Brasil*. Tese (Doutorado em Linguística). UNICAMP, Campinas-SP, 2004.

SCHIFFRIN, Deborah. The management of a co-operative self during argument: The role of opinions and stories. In: GRIMSHAW, Allen D. (ed.). *Conflict talk: sociolinguistic investigations of arguments in conversations*. Cambridge: CUP, 1990. p. 241-259.

SILVA, Cassandra Ribeiro de Oliveira. **Metodologia e organização do projeto de pesquisa**. Fortaleza-CE: Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará, 2004.

SILVA, Aline Danielly Leal da. **Dei uma olhada na playlist: a construção de atenuação [(SN) DAR UMA V-DA (SP)] em perspectiva funcional-construcionista**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2020.

SILVA, José Romerito; ANDRADE, Maria Aparecida da S. “Vai chatear o Camões”: a construção impositiva de destrato. **Working papers em Linguística**, v. 21, n. 1, p. 43-74, 2020.

TOMASELLO, Michael. **The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure**. New Jersey: LEA, 1998.

TRAUOGOTT, Elizabeth Closs. Revisiting subjectification and intersubjectification. *In*: DAVIDSE, Kristin; VANDELANOTTE, Lieven; CUYCKENS, Hubert (eds.). **Subjectification, intersubjectification and grammaticalization**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010. p. 29-70.

TRAUOGOTT, Elizabeth Closs. Intersubjetification and clause periphery. **English Text Constructions**. v. 5 (1), p. 7- 28, 2012.

TRAUOGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard B. **Regularity in semantic change**. Cambridge: CUP, 2002.

TRAUOGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Tradução de Taísa Peres de Oliveira e Maria Angélica Furtado da Cunha. Editora Vozes, 2021 [2013].

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. 5. ed. Uberlândia: EDUFU, 2016 [1985].

TRAVASSOS, Pâmela Fagundes. **Variação e mudança construcional: um olhar funcional-cognitivo sobre usos de construções com verbo-suporte DAR**. Dissertação (Mestrado em Linguística). UFRJ, Rio de Janeiro, 2019.

VENDLER, Zeno. **Linguistics in phylosophy**. Ithaca, London: Cornell University Press, 1967.

VERKUYL, Henk. **On the compositional nature of the aspects**. Dordrecht: D. Reidel, 1972.